

IZABEL CRISTINA JAPUR NEMITZ

RESUMO: A Psicanálise preocupa-se a priori com a promoção de saúde mental como medida preventiva e, com a capacidade do ser humano de resistir e alcançar uma resposta positiva diante da adversidade a qual estamos expostos em sociedade. A ação ineficaz na superação de eventos negativos e depressivos pode provocar sintomas patológicos. Como prevenção a estes sintomas e dentre as muitas patologias da pós-modernidade, propõe-se aqui, questionamentos do ser humano como ser que se constitui nas relações sociais e produz comportamentos e atitudes a partir das informações que se apropriam no meio. Somos seres inconscientes constituídos de pulsões e emoções, e é acerca do modo como se dá esta relação na estruturação da personalidade e no comportamento do sujeito que se pensou argumentar. O meio cultural faz o homem e suas potencialidades, portanto aqui se pretende compreender e tecer um olhar sobre a estruturação psíquica do indivíduo galgando questões subjetivas e coletivas que emergem com força em cada um de nós, como determinante ou não, de nosso comportamento saudável ou patológico. Esta reflexão torna-se importante para o saber psicanalítico e é sempre necessário retornar a certos esclarecimentos teóricos - como o inconsciente, o coletivo, o pessoal, a cultura, a globalização e a integração das emoções e as pulsões neste contexto. Tudo isso dentro de uma análise psicanaliticamente esclarecida, que reconheça o inconsciente como o próprio ser e o consciente como a realidade, inserindo o indivíduo no âmbito social. É imprescindível a escuta do discurso cultural social em qualquer ação que vise o sujeito, ressaltando o papel do “Outro” na sua própria construção humana. O “Outro” é a ordem simbólica constituída pela linguagem, composta de elementos significantes formadores do inconsciente, e é nesta inter-relação que nos expomos a riscos e estresses presentes no mundo atual e real a qual voluntariamente fazemos parte.

Palavras-chave: Sociedade. Pulsões. Emoções. Inconsciente. Cultura.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Torna-se importante abordar a temática social contemporânea numa perspectiva esclarecedora, teorizações imersas na psicanálise, dando ênfase nas emoções comportamentais, que se configuram no convívio interpessoal, dentre elas as contribuições teóricas quanto à estruturação da personalidade numa visão psicanalítica (Freud), e na visão humanista (Erich Fromm), como

amparo às atitudes e comportamentos culturais contemporâneos frente às demandas de trabalho, cultura e lazer que determinam comunidades.

Sendo assim, a Psicanálise possibilita a compreensão de certas dificuldades, na medida em que descortina o processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo abrindo um novo olhar, uma vez que ele possui desejos que podem ser de difícil aceitação, levando-o a reprimi-los e conduzindo-o, também, a repressão da convivência em sociedade.

Viver é uma prática grupal humana e, como tal, ocorre dentro das inter-relações pessoais o que caracteriza os homens como seres sociais. A psicanálise como uma forma diferenciada de compreender a aprendizagem humana atua em muitas áreas sociais: Educação, saúde, trabalho etc. Na área cultural, atua como significador dos processos que formam os seres humanos na sua organização relacional e mental.

2. AS INTERNALIZAÇÕES DA INFÂNCIA E SUAS INFLUÊNCIAS NA VIDA HUMANA.

Conforme Aragão 1991 “não existe uma psicanálise do individual e outra aplicada ao sintoma social. Pois o sintoma é sempre social” (p. 12). Veja só, o que chamamos de individual, a singularidade, é sempre efeito de uma rede discursiva, que é a rede mesma do coletivo.

As afirmativas acima nos levam a pensar desde o nascimento que é a chegada de um ser humano que, quarenta semanas antes, não passava de uma única célula. Esse ser parece desamparado e muitos de seus atos dão a impressão de não ter objetivos.

Rapidamente, porém, vê-se ele relacionando-se com a vida. Em breve seus movimentos estarão configurados em numerosas habilidades. Este “ser” singular fará parte do coletivo, ou já faz desde sua concepção.

Dentro de semanas, ou mesmo de horas, mostrará ele características que o identificam como personalidade ímpar, diferente de todas as demais pessoas. Aos seis meses já terá uma imagem mental da mãe, aconchega-se com ela e percebe sua presença bem como sua ausência, que começará a lhe causar sofrimentos.

Em um ou dois anos estará apto a falar; aos três anos já se dá conta de outros “eus”. Como ser social, não tardará a ficar profundamente envolvido nos destinos de seus semelhantes. O progresso cronológico da criança começa a se tornar evidente, tais como: percepção, memória, linguagem, característica de temperamento e ligações afetivas.

O elemento etário desempenhará papel importante na capacidade emocional e cognitiva desta criança, o que requererá que aquele que o cuida penetre no seu mundo, se quiser compreendê-la e saber como trabalhar com ela.

Crianças que sofrem perdas familiares (falta da presença materna ou paterna) podem desenvolver certas dificuldades de se organizar mentalmente, ocorrendo vários problemas de convivência, aprendizagem, comportamental, de compreensão de si mesmos e desenvolvendo patologias, ainda nos primeiros anos de vida, que irão se manifestar na fase adolescente ou adulta.

Os acontecimentos do início da infância afetarão o ajustamento psicológico e social do futuro indivíduo. A cultura influenciará na sua evolução intelectual e a sociedade já é uma constante em sua vida, o que exige a preparação para viver em comunidade.

Até o século XVII, não se dava à infância uma ênfase especial, enquanto uma fase distinta do ciclo vital, mas é importante saber que aquilo que se sucede durante a infância tem forte impacto sobre o desenvolvimento subsequente, ou seja, até chegar à fase adulta.

Na socialização familiar a criança interioriza ou internaliza, além da linguagem, padrões de comportamento, normas de conduta e valores de grupo social a que pertence. Esse processo se realiza primeiramente, pelo contato da criança com os adultos que cuidam dela e que a Psicologia Social chama de “outros significativos”.

A mente da criança irá absorver aspectos da realidade que estão na estrutura psíquica dos adultos com quem convive e seus sentimentos para com a vida, suas atitudes, seus valores.

Assim os adultos, além de transmitirem à criança uma visão do mundo social a partir da perspectiva própria, dão a essa percepção uma intenção afetiva particular, gerando ou não, diferentes estados de espírito que pode ser resignação, ressentimento ou rebeldia.

A classe social a que a criança pertence e o momento histórico em que vive irão determinar os aspectos da realidade que serão internalizados, bem como o próprio processo de internalização que perfila inconscientemente.

Esta criança será um adulto que internalizará ou não todas as sensações, situações e estruturas culturais que perpassarão sua vida durante a infância. Terá de conhecer-se e integrar estas emoções e pulsões que permeiam e fazem parte de sua estrutura psíquica, e finalmente viver como adulto.

Sobre a sexualidade, Freud acreditava que a mente adulta vai sendo moldada, na infância, de acordo com as experiências de prazer e desprazer que ela vivencia em cada fase do desenvolvimento da libido, que é a energia corporal expressa pelos impulsos sexuais.

Mesmo permanecendo ocultos no inconsciente, esses desejos poderiam gerar distúrbios na mente do adulto. Para ele o ser humano e sua

estrutura mental não se restringem somente a atitudes e comportamentos específicos, e sim ao todo, ao sentido geral – na sua convivência social acreditava que existia certo conflito entre os impulsos humanos e as regras que regem a sociedade.

Freud nos fala da influência da sexualidade na vida humana desde a sua concepção, e para explicar um pouco disso nos utilizamos de sua referência sobre o instinto sexual, sendo ele não é apenas uma sensação genital e sim, as sensações genitais são uma parte da vida sexual.

O instinto sexual vai se desenvolvendo em nós, pouco a pouco até atingir a fase normal que seria na idade adulta, e é exatamente quando essas fases não se desenvolvem normalmente que surgem as perversões sexuais.

Para o autor, o instinto sexual é uma força que atua continuamente, em todas as etapas da vida humana. O sexo, tal como se manifesta no adulto, é o resultado de uma evolução que começa desde o nascimento.

Distingue alguns períodos: fase oral (prazer obtido oralmente), fase anal (prazer obtido com as próprias produções, prazer ao defecar), que representam para Freud prazeres de natureza oral e a fase genital (a partir da puberdade), quando é possível a realização completa do ato sexual.

Freud dizia que a sexualidade não designa somente as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades, presentes desde a infância, que procuram um prazer irredutível na saciedade de uma necessidade psicológica fundamental (fome, excreção, etc).

Esses processos de excitações e atividades são observados através de um mecanismo designado por fases, a oral acontece mais ou menos dos 0 aos 2 anos; trata-se de um prazer físico localizado na mucosa bucal e constitui a mais prazerosa experiência que a criança conhece nesta idade.

É nessa ocasião que chega ao lactente as primeiras mensagens nas quais se fará sentir a disposição amorosa, hostil ou angustiosa da mãe e que influenciará a criança posteriormente.

A fase anal acontece mais ou menos dos 2 aos 3 anos; este é o momento em que se consolida o controle involuntário da musculatura esfíncteriana, a mucosa anal é a nova sede de excitação sexual, que é obtida pela acumulação, pressão e expulsão dos materiais fecais. É através das restrições

do prazer que lhes são impostos neste período que a criança trava conhecimento com as exigências e pressões da civilização. A criança utiliza-se dos excrementos para manipular o ambiente com fantasias hostis e agressivas ou amorosas e positivas, dependendo dos sentimentos com relação à mãe e suas exigências.

A fase Fálica se dá, mais ou menos, dos 3 aos 6 anos; a zona genital propriamente dita começa a se tornar zona erógena predominante, é nessa idade que começa a se firmar a curiosidade relativa à diferença entre os sexos, e com relação ao papel do pai e da mãe na procriação, devido ao desconhecimento da vagina por parte da menina, a diferença entre sexos se experimenta entre a presença e a ausência do pênis, a descoberta da anatomia feminina é um choque para o menino, pois é para os dois sexos o único atributo sexual reconhecido, sua ausência é considerada como uma mutilação.

Aqui acontece o período edipiano, que se caracteriza por uma fixação libidinal passageira entre os 4 e os 5 anos, também conhecida, como "complexo de Édipo" pelo qual a libido, já dirigida aos objetos do mundo exterior, fixa a sua atenção no genitor do sexo oposto, num sentido evidentemente incestuoso.

O período de latência varia, mais ou menos, dos 6 aos 12 anos; iniciado logo após a fase edipiana, só irá terminar com a puberdade, quando então a libido toma direção sexual definida. Nesta fase a criança volta sua atenção para outros afazeres e, é na escola que ela, certamente, irá colocar sua atenção sublimando seus desejos anteriores.

Também ocorre nesta fase o recalque é o superego agindo contra nossos impulsos, recalcando-os, porém, podem voltar disfarçados, de outra forma, não permitindo sua identificação. As forças recalçadas podem voltar com mais força e, se forem censuradas, pode surgir a perturbação psíquica.

A fase genital acontece dos 12 anos em diante, é o momento em que se completa a maturação dos órgãos genitais, vê-se os interesses sexuais reativarem-se, os conflitos inerentes aos da relação edipiana também são reavivados, à medida que não foram completamente resolvidos antes da latência e é através da revivência do Édipo que devem ser compreendidas a dificuldade específica da puberdade e da adolescência, a revolta adolescente

permite a este esboçar sua independência e dirigir seus interesses sexuais para fora do meio familiar.

Esses períodos ou fases são essenciais ao desenvolvimento do indivíduo, podendo se constituir de forma normal, porém qualquer problema que porventura ele tiver em superá-las, certamente iniciará um processo patológico ocasionando transtornos variáveis.

Outra grande influência social se dá no complexo de Édipo: O complexo de Édipo não é só normal, como desaparece com o tempo. Quando isso não acontece, as consequências podem ser muito dolorosas, consiste em o menino desejar sua mãe, isso na infância, onde não tem caráter genital.

Quando se manifesta na puberdade, ou seja, onde já estamos na fase genital, em que o sujeito torna-se adulto, na maioria das vezes tem horror aos seus desejos sexuais, mesmo os normais, e manifesta a vontade de ser castrado. Os homens que não conseguem vencê-lo frequentemente tornam-se afeminados, acovardados e medrosos e mostram grande timidez sexual.

Com a menina o complexo de Édipo recebe o nome de Electra, onde quando, como no complexo de Édipo, não desaparece naturalmente acaba em uma mulher com virilidade excessiva e prejudicial.

Acontece também o complexo de Castração: Isso pode ocorrer por uma série de motivos, mas o principal é uma educação mal conduzida por parte dos pais. Às vezes os pais praticam o erro de dizer aos seus filhos, ao surpreenderem mexendo em seus órgãos sexuais: "Se você não parar de mexer ai eu vou cortar isso", ou então: "se você não se comportar direito o ladrão vai vir e roubar o seu pinto." O efeito desses erros podem transformar-se em neuroses e psicoses que, certamente , irão atrapalhar o adulto do futuro.

Todas essas etapas influenciam a vida adulta e podem tornar-se influências patológicas ou não, dependendo da manipulação dos conflitos gerados durante a infância.

Sobre a humanização do homem dentro deste contexto social civilizatório remetemo-nos a Pereira (2008) que postula o seguinte: "O homem sempre esteve em um processo de humanização; de um estado primitivo, arcaico ligado a barbárie para o desenvolvimento de uma consciência de vir a ser através do conhecimento tecnológico e psíquico." (p.7)

Para o autor desde os tempos remotos nas diversas civilizações sempre ficaram algumas perguntas sobre o sentido da existência, sua origem e qual seria o destino final da sua vida (PEREIRA, 2008, p.7).

Citando Fromm, Pereira argumenta que este foi o primeiro psicanalista a admitir na relação terapêutica a existência de uma relação afetiva, e de que as necessidades mais urgentes de qualquer pessoa seriam desenvolver suas potencialidades criativas, experienciando, de uma forma gradativa a aprendizagem de dar e receber amor.

Pode-se concluir daí que o ser humano é um ser que se potencializa e se reconhece através daquilo que o afeta, e para tanto entra na sua estrutura psíquica a emoção, esta canaliza o que vai ser relevante ou não para este ser na sua história de vida.

A psicanálise humanista age de forma profilática na vida do homem porque interage com ele e compreende, sem intervir, as suas emoções desde seu nascimento e muitas destas emoções ficam registradas no inconsciente, vindo à tona no momento terapêutico da análise o que certamente beneficia o ser humano e o faz reconhecer-se.

A vivência da emoção, dos desejos humanos e de suas relações, é uma questão correlacionada com a razão e com a cultura humana e mobiliza ideias e pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento e da literatura, sobretudo na preocupação com o aparecimento de várias fobias e patologias que envolvem emoções e pulsões já na formação da psique humana.

3. O INCONSCIENTE

Inconsciente, segundo alguns profissionais da psiquiatria, é definido como “ausência de consciência”. Até o surgimento da psicanálise, 1895, os estudos sobre a mente humana, estavam muito ligados ainda à neurologia que se voltava ao estudo do cérebro num sentido mais orgânico.

Para Jung (2000) uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal, porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chama inconsciente coletivo.

Freud apud Moraes (1994) deu a primeira definição psicológica de inconsciente, considerando-o como um conjunto de processos dinâmicos, formado por desejos recalcados e pela libido.

Muitas vezes, impulsos irracionais determinam nossos pensamentos, nossas ações e até mesmo nossos sonhos, são capazes de trazer à tona necessidades básicas do ser humano que foram reprimidas, como por exemplo, o impulso sexual. Já Erich Fromm, entre outros integrantes da corrente neofreudiana, faz parte de uma vertente de pensamento, que postula fenômenos de ordem social, filosófica, como intervenientes no comportamento humano.

O processo de estruturação psíquica da humanidade se dá no coletivo apesar de se formar no individual, mas o que será isso? Como formar-se no coletivo, mas acontecer individualmente? Ora, cientificamente se sabe que parte da formação de personalidade dos indivíduos é formada pelo meio, ou seja, dentro do local que ele nasce, e sua interação na sociedade seu comportamento resulta na sua personalidade adaptada ao ambiente em que vive.

O que diferencia uma pessoa da outra é a amplitude e intensidade com que cada emoção é vivida e o quanto de seus impulsos são controlados.

Estes desejos e sensibilidade sensitiva que todos nós temos, é a parte inconsciente de nossa mente chamada *id*. É onde armazenamos tudo o que foi reprimido, todas as nossas necessidades insatisfeitas. _ "Princípio do prazer". Mas existe uma função reguladora deste "princípio do prazer", que atua como

uma censura ante aos nossos desejos, que é chamada de *ego*. Precisamos desta função reguladora para nos adaptar ao meio em que vivemos.

Nós mesmos começamos a reprimir nossos próprios desejos, já que percebemos que não vamos poder realizar tudo o que quisermos. A consciência do que podemos ou não fazer, segundo as regras da sociedade em que vivemos é a parte da nossa mente denominada *superego* (princípio da realidade). O *ego*, vai se apresentar como o regulador entre o *id* e o *superego*, para que possamos conciliar nossos desejos com o que podemos moralmente fazer.

A psicanálise se apoia sobre três pilares com relação a este comportamento humano: a censura, o conteúdo psíquico dos impulsos sexuais e o mecanismo de transferência. A censura é representada pelo *superego*, que inibe os instintos inconscientes para que eles não sejam exteriorizados. Nem sempre isso ocorre, pode ser que eles burlem a censura, por um processo de disfarce, manifestando-se assim com sintomas neuróticos.

Existem diversas formas de exteriorizarmos nossos impulsos inconscientes: os atos falhos, que podem revelar os segredos mais íntimos e os sonhos. Atos falhos são ações inconscientes que estão em nosso cotidiano; são coisas que dizemos ou fazemos que um dia fosse negado, mas são provenientes de uma reprimida vontade ou desejo.

Outro meio de tornarmos conscientes nossos desejos mais ocultos é através dos sonhos. Segundo Freud (1969) nos sonhos, o nosso inconsciente (*id*) se comunica com o nosso consciente (*ego*) e revela o que não queremos admitir, mas que desejamos, pelo fato da sociedade recriminar (principalmente os de caráter sexual).

Nesse contexto o indivíduo se protege totalmente no inconsciente, é como se, para viver em sociedade, o ser humano tem de esconder-se daquilo que é para conviver com o outro e consigo mesmo sem se envergonhar de ser.

Segundo Pereira,

O tronco encefálico é o representante simbólico das pulsões e emoções inconscientes, o sistema límbico é responsável pelo sistema cardíaco, a pressão, circulação, digestão e respiração e tudo isso acontece de maneira inconsciente, não precisamos pensar ou ter consciência para que estas funções realizem seus objetivos.(PEREIRA, 2012 p. 09).

Mais adiante o autor nos fala que no cérebro encontramos o sistema límbico e que este está preparado para nos fazer experimentar emoções. Diante disso a psicanálise tenta entender as emoções de medo, fobias, pânico e como elaborá-las de forma positiva, liberando-as do trauma que as escondeu de forma inconsciente.

Cabe aqui uma reflexão do homem em sociedade, como fazer para integrar sentimentos, emoções e atitudes frente às pulsões de vida e de morte que carregamos. O que acontece no controle e recalque de tais comportamentos.

Segundo Fromm, o indivíduo médio não se permite ter consciência dos pensamentos e sentimentos incompatíveis com o padrão de sua cultura e por isso é forçado a recalca-los. Ele postula que:

Formalmente falando, portanto o que é inconsciente e o que é consciente dependem da estrutura da sociedade e dos padrões de sentimento e pensamento por ela produzidos. Quanto ao conteúdo do inconsciente, não é possível nenhuma generalização. Podemos, porém, afirmar uma coisa: ele sempre representa a totalidade do homem em todas suas potencialidades. (...) no caso extremo das culturas mais regressivas, empenhadas no retorno a vida animal, esse desejo mesmo é predominante e consciente, ao passo que toda a luta para emergir desse nível é reprimida. (FROMM, 1967. p. 121).

Vem daí a parte definida do analista (psicanalista) que não se restringe somente aos assuntos específicos, e sim ao todo, ao sentido geral, “(...) traumas geradores de grande sintomatologia muitas vezes residem em fatos aparentemente inofensivos ou banais de sua vida passada”. (MORAES, 1994, p. 25).

4. O INCONSCIENTE CULTURAL: EMOÇÕES E PULSÕES

No mundo globalizado e com a diversidade cultural, há muita troca ou compartilhamento de tradições, e esta remete a uma identidade, a um sentimento de que se pertence, a uma comunidade regida por significados simbólicos que se tornam culturais.

A diversidade étnica convive, cada uma, num determinado espaço simbólico que pertence ao grupo e que inconscientemente repetem comportamentos e atitudes que os levam a emoções também diversificadas.

Com a globalização veio o processo de transformações econômicas e políticas que vêm acontecendo nas últimas décadas, a principal característica é a integração dos mercados mundiais com o uso cada vez maior de celulares, computadores, televisão e a uniformidade das informações com o surgimento e explosão da Internet e dos canais de televisão por assinatura.

Com isso os países, ou seja, pessoas de vários países, podem interagir não só na economia e na política, como também na cultura.

Desde que o homem começou a duvidar das explicações mágicas para o mundo ele tenta compreendê-lo com teorias baseadas na própria experiência objetiva, que explicitem a natureza, a origem da vida e a relação do ser humano com essa realidade.

Em 1865, quando o presidente dos EUA, Abraham Lincoln, foi assassinado, a notícia levou 13 dias para chegar à Europa. Hoje em dia bastam apenas alguns segundos para uma notícia qualquer cruzar o planeta, as pessoas do mundo inteiro comendo nas mesmas cadeias de “fast food”, bebendo os mesmos refrigerantes, vestindo jeans, ouvindo músicas semelhantes e assistindo aos mesmos filmes.

A questão que se coloca é: qual nossa identidade, quem somos? Ou o que podemos apresentar ou não na sociedade para aproveitar as oportunidades que estão surgindo nessa sociedade global cada vez mais integrada, o que reprimimos para conviver nessa sociedade?

Junto com a globalização, nesse entrelaçamento de pessoas e comunidades, emerge, portanto, uma questão importante: a identidade e o risco de se perdê-la, uma vez que a tendência é seguir o coletivo e reprimir o

individual, pois, num mundo em mutação acelerada, o fenômeno da exagerada comunicação (internet), atua como um processo de transformação e decomposição das personalidades individuais e coletivas, isto se deve, ao fenômeno da globalização e do “modismo de identidades”. Onde nesse contexto se integra as emoções, será que ela é expressada ou reprimida para agradar o outro?

Estamos todos “misturados” culturalmente, apesar de nossas diferenças, e ao mesmo tempo somos puramente inconscientes. Este, caracterizados por Jung como pessoal e coletivo, precisa da conexão com o consciente e conexão, me expressando um pouco ingenuamente, com o mundo, apesar de muitas vezes, rodeados de pessoas, nos sentimos sozinhos.

Quem somos? Razão, emoção, pulsão? Ou simplesmente humanos? Somos diferentes dos outros animais porque pensamos (razão) e transformamos a natureza, não vivemos de instintos, mas de impulsos (de vida e de morte que compõem nossa natureza), e das emoções que se afloram (tristeza, medo, raiva, amor...). O ser humano possui necessidades e potencialidades.

Para Fromm,

O homem em qualquer cultura tem todas as potencialidades dentro de si, é o homem arcaico, a besta de caça, o idólatra, bem como o ser capacitado de amor, razão, justiça. O conteúdo do inconsciente não é, portanto, nem o bem nem o mal, o racional ou o irracional – é ambos, é tudo o que é humano. O inconsciente é a totalidade do homem. (1967, p.121).

Pereira (2012) referindo-se as civilizações que nos antecederam em seu livro sobre superação, nos diz que o homem passa por vários tipos de evolução, em todas elas encontramos histórias, costumes, mitos e rituais. O risco do fracasso, da decadência, dos conflitos, sempre existiu para o autor, a psicanálise procura compreender as estratégias de ação a fim de superar certas limitações.

Para Jung,

Termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à

psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (2000, p.15).

Então, quer dizer que reproduzimos comportamentos, atitudes, pulsões e emoções que já foram expressos historicamente e que são perpassados por nossas memórias épicas.

Jung diz que “uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de ser conscientizado” (2000, p.16), o que significa que sabemos o que estamos fazendo e porque estamos fazendo, no entanto o fazemos buscando subsídios presos no nosso inconsciente.

Segundo Jung os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente emocional, os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são *arquetipos* que representam essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta.

Segundo Jung,

O homem primitivo é de tal subjetividade que é de admirar-se o fato de não termos relacionado antes os mitos com os acontecimentos anímicos. Seu conhecimento da natureza é essencialmente a linguagem e as vestes externas do processo anímico inconsciente. Mais precisamente pelo fato de esse processo ser inconsciente é que o homem pensou em tudo, menos na alma, para explicar o mito. Ele simplesmente ignorava que a alma contém todas as imagens das quais surgiram os mitos, e que nosso inconsciente é um sujeito atuante e padecente, cujo drama o homem primitivo encontra analogicamente em todos os fenômenos grandes e pequenos da natureza. (2000, p.18).

Para Jung o inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo

nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade.

Erich Fromm ao trazer o humanismo para a prática psicanalista mudou a forma de perceber o homem e do homem “se” perceber dentro da sociedade, integrando suas emoções e pulsões dentro da afetividade que aprenderá a compartilhar com o “outro”. O homem se libera em seus processos e potenciais resignificando-se humanisticamente e ao contrário de fracassar, se negar ou reprimir, ele se permite avançar.

Freud, possivelmente, com a psicanálise, nutria uma esperança de que pudesse contribuir para reformar os métodos e objetivos da humanidade uma vez que por meio de suas análises, elaborou o conceito de transferência, fenômeno presente em toda situação em que duas pessoas se relacionam frente a frente.

Esse fenômeno foi observado inicialmente no tratamento analítico: formava-se entre o paciente e o analista uma relação emocional especial muito além dos limites racionais. Sabe-se hoje que essa relação pode variar entre a devoção e a admiração mais afetuosa até a inimizade e a hostilidade mais acirrada.

Derivam das relações afetivo-sexuais anteriores e inconscientes do paciente. A transferência tanto positiva quanto negativa pode se transformar em poderoso instrumento terapêutico desempenhando um papel relevante no processo de cura, e quando positivo se transforma numa relação que inter-relaciona com os demais, insere na sociedade e objetiva a cidadania.

A transferência encontra-se também presente em todas as relações e nos permite refletir sobre nossas escolhas. É, portanto, um poderoso instrumento no processo de socialização.

Muitas vezes desejamos completar com êxito um curso superior, arranjar um marido, constituir família, arranjar um emprego, no entanto estas escolhas podem ser manifestações para satisfazer desejos de outros, pais, professores, esposos, amigos, tornando-nos como espelhos refletindo o que os outros esperam de nós.

Durante toda a vida a pessoa se envolve nessa difícil diferenciação entre ela própria e o todo.

May (1982) nos diz que:

De fato, toda evolução pode ser descrita como o processo de diferenciação entre a parte e o todo, o indivíduo e a massa, e eventualmente o relacionamento com os semelhantes em plano mais elevado. Já que o ser humano ao contrário de uma pedra ou produto químico só pode realizar sua individualidade por meio de uma opção consciente e responsável, precisa tornar-se um indivíduo tanto do ponto de vista físico como moral e psicológico. (p. 99)

Conforme May, o bebê torna-se fisicamente indivíduo quando o cordão umbilical é cortado ao nascer. A menos, porém, que o cordão psicológico seja também rompido ao seu devido tempo, ele permanecerá uma criança insegura atada ao ambiente paterno. Não irá mais longe que a corda que o prende.

Seu desenvolvimento é bloqueado e a liberdade para evoluir volta-se para o interior, embebida de ira e ressentimento. Estas são as pessoas que, embora se sintam bem na extremidade da corda, ficam profundamente perturbadas diante do casamento, ou do primeiro emprego.

Viver em sociedade e satisfazer desejos individuais nem sempre combina plenamente. Muitas vezes pessoas têm de sucumbir seus desejos ou representarem outros para se adaptarem ao emprego que conseguiram. Exemplo disso são pessoas que são simples e esportivas na maneira de vestir, mas têm de alterar sua aparência para uma vestimenta mais formal que fique de acordo com as regras da empresa.

Outro momento que faz com que controlemos nossa emoção diante do outro são as muitas regras que regem a sociedade quanto à maneira correta de nos portamos em sociedade. É inadmissível darmos gargalhadas num momento formal, bem como ficamos deslocados quando somos sérios em momentos de festas, mesmo que a seriedade e a sensibilidade faça parte de nossa personalidade.

As emoções e as pulsões que são inerentes ao ser humano, são continuamente controladas dentro do meio em que vivemos, o superego, num primeiro momento representado pelos pais ou pelo cuidador, no caso de ser órfão e viver em orfanato, ou pela babá, ou por outra instituição com relação a outros casos específicos, é aquele que coloca as regras e que, para se viver e relacionar dentro das normas sociais faz com se recalque estes sentimentos ou impulsos.

Fromm, 1965, em seu livro “O coração do homem”, nos fala da facilidade de se influenciar o homem a fazer aquilo que lhes é dito mesmo que isso lhes prejudique. Para ele: “parece que a maioria dos homens são crianças sugestionáveis, semidespertas, dispostas a entregar sua vontade a quem lhes falar com uma voz suficientemente ameaçadora ou doce para abalá-los”. (1965, p.17)

Isso demonstra mais uma vez, ser o homem um ser de emoções e pulsões, e que o cérebro controla estas emoções de tal maneira que, quando sente-se prejudicado por elas, o homem as esconde no inconsciente até o momento em, com a ajuda do analista, estas emoções possam se tornar conscientes e elaboradas de forma positiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão que se dá na articulação das pulsões sexuais e de autoconservação nas relações entre sujeitos e objeto é como relacionar os laços afetivos se haverá investimento ou não de um para outro ou de ambos, ou seja, o relacionamento não é visto como uma ação de um só sujeito e sim, pela ação feita entre sujeitos. O outro social, pode se apresentar por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

As relações também são sistemas simbólicos dos grupos humanos, representando um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os sentimentos, emoções e pulsões e as realizações do real.

A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Ela dá o local de negociações no qual seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significações.

Nesse processo de socialização, ou seja, de convivência em comunidades, vida e trabalho, atuam inevitavelmente o desenvolvimento do funcionamento psíquico humano e a convivência e o controle emocional.

Nos processos de pensamento e percepção necessitamos do controle emocional e pulsional objetivando que o pensamento volte-se para a motivação, interesse, necessidades, afetos e emoções. O sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque integraliza emoções e pulsões a todo o momento, e se constitui a partir de relações intra (consigo) e interpessoais (convivência com o outro).

A mediação entre o sujeito e o objeto da relação são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem relações e emoções diferenciadas.

Há pessoas que, ainda, são muito resistentes em perceberem seus problemas e demonstram gestos ou atitudes preconceituosas, denotam falta de informação e de estabelecimento de concepções. A tendência da maioria é se refugiar no conformismo ou na ideia do impossível, considerando que esperar a vida passar é o suficiente.

A desestruturação social, excesso de informações, aumento populacional e distúrbios psíquicos exigem dos indivíduos um olhar investigativo que permita incluir na sua relação, vínculo e compreensão dos muitos diferentes presentes na sociedade e é, exatamente por seu peso social que seria importante reconhecer o inconsciente, que estrutura todos nós, como nosso defensor e que se posiciona de maneira a evitar que atitudes de rejeição se manifestem.

O comportamento final de uma pessoa é o resultado de todos os seus traços de personalidade e o que diferencia uma pessoa da outra é a amplitude e intensidade com que cada traço é vivido, e os laços sociais que lhe envolvem se fundem e se sustentam pelas relações coletivas destes muitos traços de personalidade e na integração das emoções e pulsões que o formam.

É como a circulação de um sistema de trocas diversas, afeto, conhecimento, construções e diálogo. Ao indivíduo cabe ser o administrador de sua vida, vestindo-se com a armadura da liberdade ressignificando sofrimentos com afeto, angústias com soluções e ignorância com troca e relações de vida.

BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Luiz Tarlei de, et al. **Clínica do Social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991.

FREUD – **Um Caso de Histeria**. Três Ensaio Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FROM, Erich. **Meu Encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____. **O coração do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. – Petrópolis-RJ, 2000.

MAY, Rollo. **O Homem a procura de si mesmo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

MORAES, Renate Jost de. **O Inconsciente Sem Fronteiras**. São Paulo: Santuário, 1995.

_____. **As Chaves do Inconsciente**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PEREIRA, Salézio Plácido. **A Psicanálise Humanista e a Incorporação do Paradigma da Complexidade na Formação Psicanalítica**. Santa Maria: ITPOH, 2008.

_____. **Mente Inconsciente**. Santa Maria: ITPOH, 2012.

_____. **A superação dos traumas na psicanálise**. Santa Maria: ITPOH, 2012.